

Simbologie e scritte in transitio

a cura di Vanessa Castagna e Vera Horn

Pátria, nação e língua em Edmondo de Amicis

Adriana Marcolini

(Universidade de São Paulo, Brasil)

Abstract In Italy, the concepts of nation, motherland and language were developed during the so-called *Risorgimento* – the political, social, military and cultural movement that evolved into the unification of several local states on the Italian Peninsula into a single nation: Italy. In his novel *Dagli Appennini alle Ande* (1886) and in his book *Sull'Oceano* (1889), Italian writer and journalist Edmondo De Amicis (1846-1908) used these concepts as they were seen during the *Risorgimento* period, revealing how distant the Italian territorial and political unity obtained in 1861 was from social and cultural unity. By analyzing these concepts in the works above and the local situations left by Italian emigrants at home, especially regarding the high illiteracy rates, this paper argues that Italian emigration played a key role in Italy's nation building.

Keywords De Amicis. Nation. Motherland. Language. Italy.

O que significava ser italiano em 1884? Muito pouco. Ser italiano era um conceito abstrato, indefinido, em busca de afirmação. Afinal, haviam se passado apenas vinte e três anos desde que a Itália se tornara um país. Após duras penas, o *Risorgimento*, o movimento social, cultural, militar e político em prol da unificação da Itália, que se prolongou entre as últimas décadas do século XVIII e o final do século XIX,¹ finalmente conseguira, em 1861, seu objetivo: o nascimento do Estado italiano. Apenas o Estado, porém. A nação ainda não havia surgido. O percurso seria longo. E a emigração daria sua contribuição. Este trabalho tece uma reflexão sobre o papel da emigração na formação da nação italiana a partir de duas obras de Edmondo De Amicis (1846-1908): o conto *Dagli Appennini alle Ande* e o romance *Sull'Oceano*. Também discorre sobre os efeitos da emigração na afirmação da língua italiana e na construção da nação.

Figura de destaque do *Risorgimento*, De Amicis atuava no campo das letras como uma espécie de porta-bandeira do movimento. Também gozava de prestígio na Argentina e embarcou para aquele país em 1884, a convite do editor do jornal *El Nacional*, de Buenos Aires, do qual era

¹ Em *Il lungo Risorgimento. La nascita dell'Italia contemporanea (1770-1922)*, o historiador francês Gilles Pécout aponta (7) que com o apogeu das reformas nos estados da Península, a segunda metade do Setecentos (1750-90), é geralmente considerada o início do *Risorgimento*. Já as origens intelectuais da unificação, escreve o autor, remetem ao final do Setecentos.

colaborador. Faria uma série de conferências na cidade sobre a história e a cultura italiana. Era um dos 50 passageiros da primeira classe, aquele pequeno contingente da elite da época formado principalmente por franceses, argentinos e italianos – além de um chileno, um peruano e de uma família brasileira acompanhada de uma escrava (que viajava na terceira classe). Não era a primeira vez que De Amicis partia para uma viagem. As anteriores tinham produzido livros exitosos como *Olanda* (1874); *Ricordi di Londra* (1874); *Marocco* (1876) e *Costantinopoli* (1878-79). Esta, porém, seria diferente. Seria a primeira vez que o autor se depararia com 1.600 emigrantes, italianos como ele, numa situação *sui generis*: a bordo de um navio, no espaço delimitado pela proa e pela popa, e durante os 22 dias da travessia transoceânica. Nas viagens anteriores tudo fora mais fácil. O contato com a população local tinha sido superficial e não lhe provocara nenhuma perturbação. Afinal, eram outras identidades nacionais, alheias à realidade em que ele e seus leitores se identificavam. Desta vez, no entanto, ele viveria uma situação nova. E ficaria profundamente perturbado.

É provável que De Amicis nunca tivesse se sentido tão perplexo como ali, a bordo do navio *Nordamerica* (alinhado de *Galileo* no livro). Na condição de homem comprometido com o *Risorgimento*, de alguém que acreditava profundamente nos ideais do movimento, buscava naqueles emigrantes, a maioria deles camponeses em estado miserável, o ideal de unidade que os identificasse com a nação. Mas não encontrava. Pelo contrário. Parecia que sentiam desprezo por tudo aquilo pelo qual ele sonhara. Suas certezas caíram por água abaixo.

A resposta a uma das perguntas mais sentidas às quais o escritor pretendia encontrar uma explicação acaba por ser parcialmente aviltada: o reconhecimento do ‘caráter dos italianos’ ou pelo menos os caracteres, quem sabe captados *ex negativo*, ou seja, em comparação àqueles franceses e argentinos esboçados em detalhe; a exigência, enfim, de um autorretrato normal e abrangente, unitário da nação geopoliticamente recém-nascida, com o qual De Amicis contribuiu com a sua evidente aptidão de psicofisiologista da vida cotidiana.² (Bertone 2005, 34)

A viagem à Argentina aconteceu durante um momento histórico em que as tendências políticas católicas, socialistas e nacionalistas se opunham

2 «Finisce allora in parte depressa pure la risposta a una delle istanze allora più avvertite cui lo scrittore intendeva soddisfare: la ricognizione del ‘carattere degli italiani’ o perlomeno i caratteri, magari colti *ex negativo*, in contrasto cioè con quelli francesi e argentini schizzati con segno a bella posta forte e marcato; l’istanza, insomma, di un autoritratto normale complessivo, unitario della nazione geopoliticamente neonata, cui con la sua spiccata attitudine di psicofisiologo della vita quotidiana De Amicis contribuì» (Bertone 2005, 34). A tradução e as demais são da autora.

ao Estado liberal configurado depois da unificação. No diálogo a bordo do navio, entre o escritor e um passageiro que combatera nas fileiras de Giuseppe Garibaldi – o chamado garibaldino – o significado da palavra pátria é colocado em discussão quando este último contesta a afirmação do escritor, segundo a qual os emigrantes sentirão falta da pátria. A esse propósito, deve-se lembrar que o conceito de pátria era então um valor fundamental tanto durante o *Risorgimento* como no período que se sucedeu à unificação. «De Amicis usava esse termo no sentido idealístico, utópico, para falar da Itália como entidade espiritual, no sentido de afinidade eletiva, de pertencimento étnico, mais do que em termos geográficos e territoriais. Dizer pátria certamente não é a mesma coisa que dizer nação». (Romani 2012, S68). Segue a reprodução do diálogo mencionado acima.³

Perguntei novamente: – O senhor viu aqueles pobres camponeses?

– Os camponeses – respondeu ele lentamente, olhando para o mar – são embriões de burgueses.

Não compreendi logo a sua apreciação.

– Eles só têm o mérito – continuou, sem olhar para mim – de não se disfarçar com a retórica patriótica e humanitária. Fora isso... o mesmo egoísmo de animais domesticados. O ventre, a bolsa. Nem ao menos o ideal da redenção da sua classe. Cada um deles gostaria de ver todos mais miseráveis, desde que ele mesmo viva melhor do que antes. Voltem os austríacos, mas se os enriquecerem, estarão com eles. Depois fez uma pausa e acrescentou: – Que façam boa viagem.

– No entanto – observei – quando estão na América, lembram-se da pátria e amam-na.

Ele se apoiou no parapeito, virado para o mar. Depois respondeu: – A terra, não a pátria.

– Não creio – respondi.

(De Amicis 2005, 86)

Nota-se que, para o autor, a palavra pátria continha uma significativa força emotiva; era um símbolo da unidade italiana; de uma unidade que, de fato, era apenas política e territorial, mas não cultural. Romani argumenta que «De Amicis continuou a privilegiar o conceito de pátria àquele de nação, acreditando que, ao operar ao nível da imaginação, no nível simbólico, isto é, valorizando aquelas práticas que facilitavam o sentido

3 «Ridomandai: – Ha visto quei poveri contadini? – I contadini, – rispose lentamente, guardando il mare, – sono embrioni di borghesi. Non afferrai subito il suo concetto. – Hanno il solo merito, – continuò, senza guardarmi, – di non mascherarsi con la rettorica patriottica e umanitaria. [...] – Eppure – osservai – quando sono in America, ricordano e amano la patria. Egli s'appoggiò al parapetto, rivolto al mare. Poi rispose: – La terra, non la patria. – Non credo, – risposi» (De Amicis 2005, 86).

do pertencimento, seja em termos culturais ou institucionais, o processo de formação cultural dos italianos seria finalmente completado» (2012, S69). Com o tempo, porém, percebeu-se que as coisas não funcionavam assim. O processo de construção da nação nada tinha a ver com a pátria.

A figura materna – É interessante notar a presença simbólica da figura da mãe tanto em *Sull'Oceano* quanto em *Dagli Appennini alle Ande*. Enquanto, no romance, a Itália é representada simbolicamente como um corpo humano, mas um corpo materno, do qual o navio arrancava seus filhos, os emigrantes, transportando-os «como se estivesse levando embora um carregamento de carne humana roubada» (De Amicis 2005, 63), em *Dagli Appennini alle Ande* a figura materna se destaca na narrativa desde o início. É ela, a mãe, que emigra. No conto, o menino Marco, de 13 anos, saudoso e preocupado com a falta de notícias da mãe, embarca em Gênova rumo a Buenos Aires, decidido a encontrá-la a qualquer custo. Consigo, leva apenas o endereço da casa onde ela trabalhava como doméstica e uma muda de roupa. Mas as coisas não são tão fáceis como talvez ele esperasse e só depois de muitas peripécias, Marco finalmente consegue encontrá-la. No entanto, Bertone observa (2005, 28): «Mas o final feliz deixa em suspense a questão da pátria: fica entendido que 'viveram felizes e contentes', mas onde? Na América ou de novo na Itália? E os outros membros da família? Pouco importa a De Amicis, e por outro lado a resposta seria difícil: ele aposta tudo no amor filial e materno e conclui com uma legitimação, mas mais que isso, uma (laica) santificação da viagem migratória».⁴

Novamente é ela, a mãe, o Norte, a estrela-guia que emite a luz a ser seguida. É como se a mãe de Marco fosse a Mãe de todos os italianos, a pátria. Como se a viagem de Marco representasse a viagem de todos os emigrantes italianos. Que partiam em busca de trabalho e vida digna, mas não imaginavam que, ao abandonar o país natal, teriam desempenhado um papel relevante para a construção da nação que haviam deixado para trás. Por um lado, a elite da Península itálica não via com bons olhos a partida em massa de grandes contingentes de trabalhadores rurais, não só por causa da perda de mão de obra e do aumento dos salários que a fuga em massa provocaria, mas também porque acreditava que a queda populacional incidiria negativamente sobre o país recém-nascido. Por outro lado, porém, os emigrantes davam um exemplo de sacrifício e coragem e forneciam o modelo de civismo que De Amicis desenvolvia em seus escritos. Sem o saber, a partir de suas trajetórias humanas individuais,

4 «Ma il lieto fine lascia in sospenso la questione della patria: si capisce che 'vissero felici e contenti', ma dove? In America o di nuovo in Italia? E gli altri componenti della famiglia? A De Amicis poco importa, e d'altra parte la risposta sarebbe difficile: punta qui tutto su l'amor filiale e materno e conclude con una legittimazione, ma di più, una (laica) santificazione del viaggio migratorio» (Bertone 2005, 28).

que incluíram o rompimento com suas raízes e o encontro com uma nova realidade, desenharam uma identidade coletiva e ajudaram a construir a nação italiana. Nesse sentido, deve-se lembrar que ao partir, muitos deles se sentiam vênetos ou calabreses, mas no exterior se descobriram italianos. A emigração de retorno também contribuiu sobremaneira para construir a nação, uma vez que os retornados traziam consigo um sentido de pertencimento bem mais forte do que entre aqueles que não haviam emigrado.

Língua – No que se refere à afirmação da língua italiana, a emigração teve um papel fundamental para a difusão da alfabetização tanto na sociedade da Península como entre os que partiram. Sem fazer alarde, os emigrantes se alfabetizaram aos poucos, movidos pela necessidade de se comunicar com seus parentes e amigos deixados para trás. O mesmo se pode dizer destes últimos, que também desejavam se corresponder com aqueles que haviam partido. As cartas trocadas entre ambos foram muitíssimas e constituem uma riquíssima fonte de estudos para os pesquisadores. A correspondência epistolar entre o Velho e o Novo Mundo não passou despercebida a De Amicis (2005, 210-1), como se pode perceber no trecho abaixo (o original segue em nota):⁵

Mais do que qualquer outra coisa, me sentia atraído pelos sacos do correio, amontoados num canto, amarrados e lacrados. Porque continham o fragmento do diálogo entre dois mundos: quem sabe quantas cartas de mulheres que pela terceira ou quarta vez pediam dolorosamente notícias do filho ou do marido, que não davam sinal de vida havia anos; e súplicas para que voltassem ou as chamassem para irem ao seu encontro; pedidos de socorro, avisos de doenças e de mortes, e retratos de crianças que os pais não teriam mais reconhecido, e chamados de noivas e men-

5 «E più che altro mi attiravano i sacchi della posta, accumulati in un canto, legati e suggellati. Poiché v'eran là dentro i frammenti del dialogo di due mondi: chi sa quante lettere di donne che per la terza o quarta volta chiedevano dolorosamente notizie del figliolo o del marito, che non si facevan vivi da anni; e supplicazioni perché tornassero o le chiamassero a raggiungerli; domande di soccorso; annunci di malattie e di morti; e ritratti di ragazzi che i padri non avrebbero più riconosciuti, e richiami desolati di fidanzate e menzogne impudenti di mogli infedeli e ultimi consigli di vecchi: tutto questo mescolato a letteroni irti di cifre di banchieri, a epistole amoroze di ballerine e di coriste, a prospetti di negozianti di vérmüt, a fasci di giornali aspettati dalla colonia italiana, avida di notizie della patria; forse anche l'ultima poesia del Carducci e il nuovo romanzo di Verga: una confusione di fogli di tutti i colori, scritti in capanne, in palazzi, in officine, in soffitte, ridendo, piangendo, fremendo. E tutti questi sacchi si sarebbero sparpagliati fra pochi giorni dalle foci del Plata ai confini del Brasile e della Bolivia e fino alle rive del Pacifico e nell'interno del Paraguay e su per i fianchi delle Ande, a suscitare allegrezze, rimorsi, dolori, timori; i quali, poi, alla volta loro, pigliati in altri sacchi, avrebbero fatto in direzione opposta il medesimo viaggio, amucchiati in un altro camerino come quello, dove avrebbero visto passare altre processioni di povere genti, che se ne ritornavano al mondo vecchio, forse meno poveri, ma non più felici di quando l'avevano abbandonato con la speranza d'una sorte migliore» (De Amicis 2005, 210-1).

tiras impudentes de esposas infiéis e últimos conselhos de velhos: tudo isso mesclado com extensas cartas repletas de cifras de banqueiros, epístolas amorosas de bailarinas e coristas, folhetos de comerciantes de vermute, maços de jornais aguardados pela colônia italiana, ávida de notícias da pátria; talvez ainda a última poesia de Carducci e o novo romance de Verga: uma confusão de folhas de todas as cores, escritas em cabanas, palácios, escritórios, sótãos, rindo, chorando, tremendo. Dentro de poucos dias, todos aqueles sacos teriam se espalhado da foz do rio da Prata às fronteiras com o Brasil e da Bolívia, até chegar às margens do Pacífico e ao interior do Paraguai, e subir pelas encostas dos Andes, provocando alegrias, remorsos, dores, temores; mais tarde, esses sacos abarrotados de missivas fariam a mesma viagem no sentido oposto, amontoados em outra cabine como aquela, onde veriam passar outras procissões de gente humilde, que retornavam para o velho mundo, talvez menos pobres, mas não mais felizes de quando o abandonaram com a esperança de um destino melhor.

Embora vários pesquisadores (De Mauro 1995, Langeli 2000) tenham estudado o peso da emigração no aumento da alfabetização, o tema ainda não é devidamente conhecido e valorizado. Para que se tenha uma ideia da sua abrangência, faz-se necessário citar os dados trazidos à luz pelo linguista Tullio De Mauro. Ele nos informa que «entre 1871 e 1951, cerca de 7 milhões de italianos se transferiram definitivamente para o exterior [...] 64% partiram do Sul e 36% do Centro e do Norte» (De Mauro 1995, 54, 56), explica. O linguista em seguida esclarece que (1995) «em cifras absolutas e percentuais a emigração incidiu, sobretudo, nas regiões mais ricas de analfabetos, portanto, de falantes de dialeto».⁶

A população das regiões rurais e dos povoados dos quais partiram os emigrantes sofreu uma redução significativa. Naturalmente, isso provocou uma mudança na proporção entre os que conheciam apenas o dialeto e os falantes de italiano. A balança pesou em favor destes últimos, uma vez que os analfabetos (que sabiam apenas o dialeto) eram a maioria entre os que iam embora. A alteração na composição linguística populacional, as remessas⁷ enviadas pelos emigrantes, a subida dos salários causada pela escassez de mão de obra e a reestruturação da propriedade rural foram

6 «Fra il 1871 e il 1951 circa 7 milioni di italiani si sono trasferiti definitivamente all'estero [...] 64%, è partito dalle regioni meridionali e il 36% dalle centro-settentrionali [...] In cifre assolute e percentuali l'emigrazione incise dunque soprattutto sulle regioni che erano più ricche di analfabeti e, quindi, di dialettofoni» (De Mauro 1995, 54-7).

7 No livro *L'emigrazione italiana dall'unità alla seconda guerra mondiale*, o historiador Ercole Sori observa que as remessas contribuíram para triplicar as reservas de ouro da Itália entre 1896 e 1912, e para obter uma relativa abundância de poupança. Esta, por sua vez, favoreceu o início da exportação do capital italiano para o exterior (120).

importantes para a redução do analfabetismo. E, conseqüentemente, para a difusão do ensino da língua italiana. Como já mencionado, a necessidade de se corresponder com os parentes também teve um papel crucial nesse processo. «Depois de atravessar o oceano, sentiram todo o sacrifício de não poder enviar a saudação à mulher e a bênção aos filhos, ao lado das notícias mais ciosas sobre as economias acumuladas tenazmente no dia a dia, sem precisarem confiar-se a um estranho», escrevia C. Jarach, relator técnico para os Abruzos na comissão parlamentar de investigação sobre a condição dos camponeses no Sul e na Sicília⁸ (De Mauro 1995, 61).

É assim que surgem, ao lado das escolas públicas, aquelas particulares, frequentadas pelos adultos. Como deixa claro De Mauro (1995, 62) ao citar um trecho da pesquisa:

A investigação na zona rural siciliana constatava que, de 54,50% em 1901-02, os inscritos nas escolas elementares haviam subido para 73,50% apenas cinco anos mais tarde: «A razão está na própria alma do povo, o qual, apesar das hostilidades e dificuldades do ambiente, se convenceu de que a escola representa para ele uma arma de luta e de conquista. E chegou a esta convicção graças à emigração. Todos os testemunhos orais e escritos concordam com isso: que a emigração é o principal motivo do aumento da frequência escolar».⁹

Pouco adiante, o autor informa que «a queda do analfabetismo entre os alistados no Exército entre 1872 e 1907 foi muito mais rápida nas regiões de pico em termos absolutos e percentuais da emigração como os Abruzos, a Basilicata e a Lombardia».¹⁰ (De Mauro 1995, 62)

De fato, a chamada questão da língua, ou seja, a necessidade de difundir o idioma italiano para toda a população, de fazer com que fosse normalmente utilizado por todos, e não apenas por uma elite, foi uma preocupação

8 «Varcato l'oceano hanno sentito tutto il sacrificio di non poter inviare il saluto alla moglie e la benedizione ai figli, insieme alle notizie più gelose sui risparmi pertinacemente e quotidianamente accumulati, senza affidarsi ad estraneo», scriveva C. Jarach, relatore tecnico per gli Abruzzi nella commissione parlamentare di inchiesta sulle condizioni dei contadini nel Mezzogiorno e nella Sicilia».

9 «L'inchiesta nelle campagne siciliane constatava che gli iscritti nelle scuole elementari, dal 54,50% nel 1901-2, erano saliti al 73,50% appena cinque anni più tardi: 'la ragione va cercata nell'anima stessa del popolo, il quale, nonostante le ostilità e le difficoltà dell'ambiente, si è persuaso che la scuola rappresenta per lui una arma di lotta e di conquista. Ed egli è venuto in questa convinzione grazie alla emigrazione. Tutte le deposizioni orali e scritte concordano con questo: che l'emigrazione è la causa principale dell'aumentata frequenza della scuola'».

10 «Il calo dell'analfabetismo fra i coscritti alle leve dal 1872 al 1907 era molto più rapido nelle regioni di massime punte assolute e percentuali dell'emigrazione, come Abruzzi, Basilicata e Lombardia».

central de De Amicis. Não por acaso, o autor escreveu *L'idioma gentile*, um livro que revela a tensão de um literato em busca de uma língua para se expressar de maneira segura e estimulante.

Em relação a esse aspecto, deve-se ressaltar que «no momento da unificação, a língua italiana era conhecida e falada por 630 mil pessoas, o que equivale a 2,5% da população» (Romano 2012, 69). Cabe lembrar que língua e nação eram intrinsecamente ligadas no século XIX, como escreve Romano (2012, 68):¹¹ «Das três qualidades que caracterizam uma nação na ideologia liberal e romântica do Oitocentos - a língua, a história e a fé - a Itália unida tinha apenas a terceira. Os italianos eram quase todos católicos, mas tinham histórias diferentes e falavam línguas diferentes».

De Amicis se angustiava ao ver o quanto a equação constituída pelos fatores língua, história e fé ainda estava longe de ser resolvida na Itália - embora para ele o item que mais importava fosse a língua. A babel de dialetos falados a bordo do *Nordamerica* chamou-lhe a atenção e ele fez questão de salientar o aspecto linguístico dos emigrantes, como se pode observar por intermédio dos muitos diálogos que entreteve com os passageiros da terceira classe, reproduzidos em dialeto na narrativa. Um deles, em particular, merece ser destacado, uma vez que deixou o escritor boquiaberto ao ouvir pela primeira vez o *cocoliche*, a língua outrora falada pelos imigrantes italianos na Argentina: o italiano e o espanhol eram mesclados e davam origem a uma fusão exótica. Após escutar o emigrante usar palavras como *caballerosidad* e frases como *si precisa molta plata e son salito con un carigo di trigo*, o autor escreve (2005, 83):¹²

Mas era preciso escutar o vocabulário: era a primeira amostra que eu ouvia da estranha língua falada pela nossa gente do povo após muitos anos de estadia na Argentina, onde, ao se misturar com os *filhos do país* e com os concidadãos de várias regiões da Itália, quase todos perdem uma parte do próprio dialeto e adquirem um pouco de italiano, depois mesclam o italiano e o dialeto com a língua local, colocando desinências vernáculas com radicais do espanhol, e vice-versa; traduzindo literalmente frases próprias das duas línguas, que na tradução mudam

11 «Dei tre caratteri che distinguono una nazione nell'ideologia liberale e romantica dell'Ottocento - la lingua, la storia e la fede - l'Italia unitaria aveva soltanto la terza. Gli italiani erano quasi tutti cattolici, ma avevano storie diverse e parlavano lingue diverse».

12 «Ma bisognava sentire che vocabolario: era il primo saggio ch'io intendevo della strana lingua parlata dalla nostra gente del popolo dopo molti anni di soggiorno nell'Argentina, dove, col mescolarsi ai *figli del paese*, e concittadini di varie parti d'Italia, quasi tutti perdono una parte del proprio dialetto e acquistano un po' d'italiano, per confonder poi italiano e dialetto con la lingua locale, mettendo desinenze vernacole a radicali spagnuole, e viceversa, traducendo letteralmente frasi proprie dei due linguaggi, le quali nella traduzione mutan significato o non ne serban più alcuno, e saltando quattro volte, nel corso di un periodo, da una lingua all'altra, come deliranti».

de significado ou perdem-no totalmente, pulando quatro vezes de uma língua para outra ao longo de um período, como se estivessem em estado de delírio.

Além das conversas com os emigrantes, o autor reproduziu em *Sull'Oceano* vários comentários e frases dos passageiros argentinos e franceses da primeira classe, sempre no idioma original. Trata-se de uma escolha feita com o intuito de caracterizar seus personagens e, ao mesmo tempo, enfatizar as línguas nacionais. O comandante do navio é particularmente definido pelo dialeto genovês e pelo emprego frequente da frase *porcaie a bordo no ne vêuggio* (não quero saber de indecências a bordo). A inserção pensada, refletida, da língua e do dialeto como ferramenta literária e como forma de caracterizar os personagens foram instrumentos utilizados com sabedoria por De Amicis em *Sull'Oceano*. Além do aspecto exclusivamente literário, uma vez que o jogo entre italiano e dialeto torna o texto mais saboroso e rico, nota-se que o livro foi pensado para o público leitor da elite italiana, que não tinha informações (provavelmente porque não queria) precisas sobre o êxodo em curso. De Amicis desejava, justamente, revelar o mundo da emigração a seus leitores. Para tanto, não podia deixar os dialetos de fora.

Tudo indica que o público do escritor estivesse ávido por saber mais sobre o êxodo em curso. Basta atentar para o êxito de vendas: Bertone (2005) informa que ao ser lançado, em 1889, *Sull'Oceano* atingiu dez edições em apenas duas semanas. O êxito se deve ao prestígio do autor e à campanha publicitária do editor Treves, mas também se explica pelo tema, que era uma novidade para a elite. Afinal, era a primeira vez que um intelectual do *Risorgimento* embarcava em um navio repleto de emigrantes. E escrevia sobre a viagem. O tom jornalístico da obra não pode deixar de ser mencionado – afinal o autor também era jornalista – e contribuiu para o sucesso editorial.

É provável que a ideia inicial de Edmondo De Amicis fosse publicar um livro sobre os emigrantes italianos na Argentina. Porém, como se sabe, essa obra não se concretizou. Ao invés disso, o autor escreveu *Sull'Oceano*. A data da publicação, 1889, é definida como o ano da mudança e certamente de nascimento na Itália do gênero 'romance da emigração' pelo historiador Emilio Franzina (Franzina 1996, 91).

De fato, De Amicis foi o primeiro escritor italiano a se dedicar ao tema e a tratá-lo sob a ótica do êxodo massivo e não como uma aventura individual. Como afirmou o crítico Pasquale Villari na resenha publicada em 1889 no volume *Nuova Antologia*, com *Sull'Oceano* De Amicis prestou um autêntico 'serviço social' ao país. (Bertone 2005, 47)

Após aquela viagem o autor mergulhou de vez no tema da emigração. É o que atestam algumas de suas obras publicadas depois do seu retorno à Itália. A mais conhecida delas é o conto *Dalle Appennini alle Ande*, incluído no livro *Cuore* (1886). *Ai fanciulli del Rio de la Plata*, publicado em *Fra scuola e casa*, pela editora Treves, de Milão, em 1892, é um conto dedicado às crianças argentinas, e *In America*, de 1897, é uma coletânea de três relatos baseados em episódios vividos por De Amicis na Argentina e no Brasil. São eles *I nostri contadini in America*, desenvolvido a partir da conferência que o autor fez em Trieste, em 1887, *Quadri della Pampa* e *Nella baia di Rio de Janeiro*. O primeiro trata da vida dos camponeses (a maioria piemonteses) nas colônias da província de Santa Fé visitadas por ele. O segundo se passa durante um espetáculo de caça de cavalos selvagens numa estância dos pampas e o terceiro é o relato comovente de um imigrante italiano no Brasil, muito doente, que deseja, a todo custo, embarcar no navio no qual De Amicis voltou para a Itália, durante a escala de três dias no Rio de Janeiro. Mas não consegue. A história desse homem que almeja morrer no país natal, mas é impedido de fazê-lo, é narrada com toda a sua força dramática e revela a sensibilidade aguda do autor em relação à emigração.

A partir das reflexões elaboradas acima, nota-se como a tríade formada por pátria, língua e nação fosse importante na obra de Edmondo De Amicis - particularmente em *Sull'Oceano* e *Cuore*. Ao trazer à tona tópicos tão fundamentais para a construção do edifício hoje conhecido como República Italiana, o escritor colaborou com o longo processo de amadurecimento de uma nação que na época ainda estava às voltas com a descoberta e a afirmação de si mesma. Infelizmente, porém, para a maioria dos leitores, sua figura remete apenas ao livro *Cuore*. Certamente, De Amicis deveria merecer mais atenção na Itália, a começar pela escola.

Discutir, na atualidade, os livros aqui analisados sob uma perspectiva contemporânea significa considerar o atual fluxo imigratório para a Itália, revelar as facetas da obra *deamicisiana* - geralmente rotulada como 'retrógada' - e tirar o véu das muitas omissões em torno da emigração italiana. Uma delas diz respeito ao papel que tiveram as remessas, conforme visto acima. Pequenas tarefas às quais a escola poderia se dedicar mais. Para que o esquecimento não venha a prevalecer. Para que a ponte entre os emigrantes de ontem e de hoje possa ser percorrida sem omissões e deturpações no meio do caminho.

Bibliografia

- Baldocchi, Umberto; Leuzzi, Vito Antonio (2015). *Risorgimento o declino: Processi di decivilizzazione e di ricostruzione dell'identità civile in Italia dall'Unità a oggi*. Firenze: G. D'Anna Casa editrice.
- Bertone, Giorgio (2005). «Introduzione». *De Amicis, Edmondo: Sull'Oceano*. Reggio Emilia: Diabasis.
- Cordin, Patrizia (2002). «Nazione, patria, madrepatria. Una questione lessicale». *Genesis*, 1, 23-33.
- De Amicis, Edmondo (1897). *In America*. Roma: E. Voghera.
- De Amicis, Edmondo (2005). *Sull'Oceano*. Reggio Emilia: Diabasis.
- De Mauro, Tullio (1995). *Storia linguistica dell'Italia unita*. Roma; Bari: Editori Laterza.
- Franzina, Emilio (1996). *Dall'Arcadia in America. Attività letteraria ed emigrazione transoceanica in Italia (1850-1940)*. Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli.
- Langeli, Attilio Bartoli (2000). *La scrittura dell'italiano*. Bologna: Il Mulino. Collana L'identità italiana.
- Pécout, Gilles (2015). *Il lungo risorgimento. La nascita dell'Italia contemporanea (1770-1922)*. Milano; Torino: Bruno Mondadori.
- Romani, Gabriella. «Edmondo De Amicis na América do Sul: pátria e identidade italiana fora dos limites nacionais». *Estudos Ibero-americanos*, 38, S63-S75.
- Romano, Sergio (1998). *Storia d'Italia dal risorgimento ai nostri giorni: Perché l'Italia non è mai stata un paese normale?* Milano: TEA.
- Sori, Ercole (1979). *L'emigrazione italiana dall'unità alla seconda guerra mondiale*. Bologna: Il Mulino.

